R E V I S T A
ESPAÇO

n. 65

período jul-dez

ano 2026

RODA DE CONVERSA COM FAMILIARES DE SURDOS: UMA INICIATIVA DO GEPESS PELO FORTALECIMENTO DO BILINGUISMO

Roundtable discussion with family members of deaf people: An initiative of GEPESS to strengthen bilingualism



Mariana Gonçalves de Castro[1]





Carolina Magalhães Pinho Ferreira[2]





Renata Cardoso de Sá Ribeiro Razuck[3]

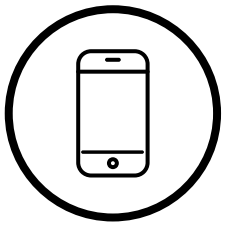


[1] Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. marianagfcastro@gmail.com.br
[2] Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil,. carolinaferreira@medicina.ufrj.br
[3] Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil,. razuckrenata@gmail.com

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.196-205
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

RESUMO
O Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Singularidades Surdas (GEPESS), que atua em prol do bilinguismo de surdos na área da Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o projeto de extensão *Desenvolvimento de Crianças Surdas - promovendo a saúde e o acesso precoce a práticas educativas em L1* (Fonoaudiologia bilíngue - UFRJ), visando propiciar melhores condições para que crianças surdas se desenvolvam bilíngues, criaram a Roda de Conversa para familiares de surdos. Buscamos instrumentalizar as famílias para fomentar o desenvolvimento das crianças, ao compartilhar experiências na Roda de Conversa, valorizando a interação comunicativa no cotidiano familiar e fomentando a comunicação em Libras. Relatamos os encontros de 2024 e 2025, nos quais participaram quatro extensionistas surdos de Letras-Libras (UFRJ), uma extensionista CODA de fonoaudiologia (UFRJ) e um extensionista ouvinte de educação (UERJ). A ação extensionista constitui um processo educativo potente, que propicia a melhora do ambiente comunicativo das crianças surdas.
Palavras-chave: Surdos; Orientação familiar; Modelos surdos; Bilinguismo

ABSTRACT
The Study and Research Group about Deaf Singularities (GEPESS), which works to promote bilingualism for deaf people in the field of Education at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), and the extension project *Development of Deaf Children - promoting health and early access to educational practices in L1* (Bilingual Speech Therapy - UFRJ), provides better conditions for deaf children to develop bilingually, holding a Conversation Circle for families of deaf people. We seek to equip families to foster the development of children by sharing experiences in the Circle, valuing communicative interaction in daily family life and promoting communication in Libras (Brazilian Sign Language). We report on the meetings of 2024 and 2025, in which four deaf extension workers from Letters-Libras (UFRJ), one CODA extension worker from speech therapy (UFRJ) and one hearing extension worker from education (UERJ) participated. This extension action constitutes a powerful educational process that fosters the improvement of the communicative environment for deaf children.
Keywords: Deaf people; Family guidance; Deaf role models; Bilingualism



LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O QR CODE AO LADO OU O LINK
https://youtu.be/etekYz6yNKI?si=CsXxB4L_lamUuXEZ

INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Singularidades Surdas (GEPESS), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vem atuando desde 2017 em prol do bilinguismo de surdos na área da Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dentre suas ações, podemos destacar o Curso Surdez - Comunicação, Educação e Inclusão, bem como o evento Surdez em Foco, ambos realizados anualmente. Além dessas iniciativas, o GEPESS agrega pesquisadores envolvidos com a Educação de surdos, mantendo reuniões quinzenais nas quais são discutidos conceitos centrais da área e desenvolvidos projetos de pesquisa e ações de extensão envolvendo diversas universidades e escolas.

Desde 2018, o projeto de extensão *Desenvolvimento de Crianças Surdas - promovendo a saúde e o acesso precoce a práticas educativas em L1*, coordenado pela Profª Dra. Carolina Magalhães (Fonoaudiologia Bilíngue - UFRJ) busca parcerias com os cursos de Pedagogia Bilíngue do INES e Letras-Libras da UFRJ, visando propiciar melhores condições para que crianças surdas possam se desenvolver de forma bilíngue.

Segundo a visão sócio-antropológica (Skliar, 1999), a surdez é uma diferença linguística e cultural e a abordagem bilíngue é a mais natural para o desenvolvimento do surdo. Em nossa equipe trabalhamos para criar condições para a aquisição da Língua Brasileira de Sinais

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.196-205
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

(Libras) pela criança surda, considerada a primeira língua (L1) dos surdos nessa perspectiva. Nesse enfoque, os surdos são considerados "membros de uma minoria linguística, tão potencialmente capaz e com igual direito de emancipação" (Giordiani, 2004, p.118, com base em Lane, 1992[1]).

Ciente de que a imensa maioria das crianças surdas crescem em lares ouvintes e, em geral, adquirem fluência em Libras na escola e entendendo que precisamos favorecer a aquisição linguística dessas crianças, também, na saúde (Brasil, 2005; Brasil, 2025), desde 2023 a coordenadora do projeto em questão passou a integrar o GEPESS. Abraçamos o compromisso de promover a aquisição de Libras pelos surdos e seus familiares, enquanto minoria linguística, também no Laboratório de Línguas para Surdos da UFRJ, pois "um pertencimento adequado ao seio familiar depende da capacidade interacional e comunicativa da criança com a família, desde muito cedo" (Ferreira, 2013, p.37.).

Visando ampliar as possibilidades de interação em Libras das crianças surdas, principalmente com pares e modelos surdos, buscamos a participação de estudantes da Graduação do curso de Letras-Libras como extensionistas no Laboratório. Desde 2023, através de uma parceria com o projeto *TradInter Lab*[2], possibilitamos a imersão linguística das crianças, junto a pares e modelos surdos, ou ouvintes fluentes em Libras. As atividades envolvem brincadeiras, contação de histórias, conversas sobre acontecimentos e assuntos de interesse da comunidade surda, bem como relatos de situações vivenciadas (Jacob, Goldfeld e Prado, 2006). Consideramos inegociável a participação de surdos no cuidado em saúde para surdos, assim como postulam Stumpf e Linhares (2021) para a Educação Bilíngue de surdos.

Adicionado a parceria citada acima, desde 2013, desenvolvemos o projeto de extensão denominado *Prática de ensino para leitura e a escrita em Língua Portuguesa como segunda língua para estudantes surdos do ensino fundamental I e II,* coordenado pela Profª Dra. Mariana Castro, professora de Libras da UERJ. Trabalhamos em parceria, fazendo indicações recíprocas de estudantes e usuários de Libras, além da realização da Roda de Conversa com familiares de surdos, de que trata este artigo.

Nos unimos também à professora da Graduação do curso de Licenciatura em Letras-Libras da UFRJ, visando garantir estagiários bilíngues, principalmente para pessoas surdas, para que os estudantes surdos possam ter contato com pares e modelos surdos, possibilitando múltiplas trocas simbólicas em Libras, com diversos interlocutores, tanto na UERJ como na UFRJ.

No projeto de extensão da UERJ, os estagiários da Licenciatura em Letras-Libras, ensinam Libras para familiares de surdos e também colaboram no formato de codocência nas aulas de leitura e escrita em Língua Portuguesa como segunda língua (L2). Esse projeto tem por objetivo geral proporcionar prática de ensino de leitura e escrita em Língua Portuguesa para estudantes surdos do Ensino Fundamental I e II, consistindo no atendimento semanal de alunos oriundos majoritariamente da Rede educacional dos Municípios do Rio de Janeiro e Niterói, do Instituto Nacional de Educação de surdos (INES), dentre outros.

O Laboratório, em conjunto com as parcerias citadas acima, parte do princípio de que o fonoaudiólogo deve estar atento à orientação e o aconselhamento familiar, que são essenciais para o trabalho cotidiano com o surdo, visto que a família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, bem como oferecer, no ambiente clínico, condições para que a família, as crianças e adolescentes aprendam Libras. Desse modo, iniciamos duas ações no cuidado dedicado aos familiares: (i) Reto-

[1] LANE, Harlan. A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

[2] O projeto TradInter Lab é coordenado pela profª Adriana Baptista de Souza (Letras-Libras UFRJ) e realiza diversas ações junto ao Laboratório de Línguas para Surdos, desde 2023, tendo colaborado também com a Roda de Conversa com familiares de surdos.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.196-205
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

mamos as aulas de Libras, com estagiários surdos e ouvintes da Licenciatura do curso de Letras-Libras da UFRJ[3]; (ii) Implementamos a Roda de Conversa, a partir da parceria com o GEPESS/FE/PPGE, envolvendo o curso de Letras-Libras da UFRJ e a Faculdade de Educação da UERJ.

A oferta das aulas de Libras oferece campo de estágio para os estudantes de Licenciatura em Letras-Libras, na disciplina Prática de Ensino de Libras e Literatura Surda e instrumentaliza os pais para interagirem com os filhos surdos em sua L1, pois entendemos que a família é o verdadeiro agente de transformação e desenvolvimento das crianças surdas (Magalhães, Starosky e Batista, 2024). Nos pressupostos do Sócio Interacionismo (Vigotski, 1991) a linguagem se constrói na interação com parceiros que compartilham o mesmo código, mas este código deve ser acessível para a criança surda. Além de o interlocutor surdo ser necessário como modelo linguístico-identitário-cultural (Stumpf; Linhares, 2021), a criança tem oportunidade de adquirir sinais no fluxo das interações sociais através da conversa com o familiar, que media seu comportamento diariamente. Então se a família ouvinte não sabe Libras, favorece o atraso no desenvolvimento da linguagem na criança surda, havendo uma corresponsabilização terapia-escola-família (Magalhães, Starosky e Batista, 2024).

Embora haja maior valorização da língua de sinais e da Língua Portuguesa na modalidade da leitura e escrita - mais utilizadas por estudantes surdos do curso de Graduação em Letras-Libras - na vida familiar, a Libras aparece com menos importância, sugerindo aprendizado insuficiente para interagir com o familiar surdo (Delgado; Nunes, 2019). Ainda hoje, enfrentamos dificuldades para os familiares frequentarem as aulas de Libras, pois muitas vezes resistem a participar, mesmo quando estão aguardando os atendimentos de seus filhos serem finalizados. Infelizmente, assim como constatado por Ferreira em 2017, parte das famílias ainda não utiliza a Libras de forma funcional junto às crianças e, mesmo aquelas que se comunicam, não demonstram fluência linguística a ponto de prescindir das aulas. Apesar disso, alguns familiares não demonstram interesse em aproveitar o momento de espera do atendimento aos filhos para aprender Libras junto a surdos adultos sinalizantes. Além da resistência ao aprendizado da Libras, ainda identificamos dificuldades de adesão ao tratamento e envolvimento insuficiente das famílias à proposta terapêutica (Ferreira, 2017).

A orientação familiar sempre foi enfocada pelo Laboratório, bem como pelos projetos da UFRJ e da UERJ mencionados. Seguimos algumas premissas, como o respeito às perspectivas e experiências dos familiares de surdos, evitando prescrever ou normatizar condutas, mas com o objetivo de acolher e orientar, como preconiza Ferreira (2013). O convite à participação ocorre através de perguntas abertas, materiais e narrativas, para favorecer a comunicação entre os familiares e a interação com os profissionais.

Conforme veremos mais detalhadamente a seguir, buscamos abordar situações vivenciadas pelas famílias e gerar reflexões sobre representações sociais em relação aos surdos, sobre o envolvimento familiar no desenvolvimento da criança surda, ressaltando a necessidade da Libras para uma interação familiar de qualidade, visando também acessar vivências da criança nos ambientes sociais, investigando suas oportunidades de interação nesses contextos com seus pares comunicativos.

DESENVOLVIMENTO

Em relação a demanda de incentivar o desenvolvimento bilíngue de crianças e adoles-

[3] O ensino de Libras para os familiares é uma compromisso antigo da fonoaudiologia da UFRJ (Goldfeld, 2006). Anteriormente, a servidora pública Surda, Marlene Prado ensinou dezenas de familiares de surdos que frequentavam o Ambulatório de Surdez (Jacob, Goldfeld e Prado, 2006).

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

centes surdos que frequentam o Laboratório de Línguas para Surdos (UFRJ)[4], buscamos promover interações verbais efetivas entre familiares e crianças, para possibilitar as trocas comunicativas cotidianas (Goldfeld, 2006). No intuito de fomentar o desenvolvimento da Libras dos familiares e a comunicação familiar-criança, o projeto *Desenvolvimento de Crianças Surdas,* junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Singularidades Surdas (GEPESS), elaborou uma proposta de Roda de Conversa com familiares, com apoio do projeto 'TradInter Lab'.

Com o objetivo de sensibilizar os familiares de surdos sobre a necessidade de aprenderem Libras e visando motivá-los para participar das aulas de Libras no Laboratório, criamos a Roda de Conversa com familiares de surdos. Essa atividade almeja incentivar a interação entre as famílias em Libras. As Rodas de Conversa têm sido conduzidas pelas professoras, com a participação de estagiários da Licenciatura em Letras-Libras (UFRJ), extensionistas de fonoaudiologia bilíngue (UFRJ) e de um bolsista da Faculdade de Educação (UERJ). Consideramos que esse é um importante campo de formação profissional (Magalhães et al, 2025), além de um serviço à comunidade enquanto extensão universitária.

A Roda de Conversa, atividade iniciada a partir da parceria entre a Faculdade de Educação e os cursos de Letras/Libras e Fonoaudiologia, foi iniciada em setembro de 2024 e ocorre toda segunda sexta-feira de cada mês. Durante os encontros da Roda de Conversa são propostas atividades de reflexão, reconhecimento e ação, as quais iremos descrever.

Nos encontros inaugurais, propusemos que os estudantes surdos da graduação em Letras/Libras compartilhassem suas experiências ao longo do seu percurso acadêmico e familiar. Os dois primeiros encontros foram conduzidos por estudantes surdos da graduação em Letras-Libras, sendo que, um deles é filho de ouvintes e o outro é filho de surdos. Tais encontros ocorreram em setembro e outubro de 2024.

No primeiro encontro da Roda de Conversa, o estudante extensionista contou sua experiência de DODA - surdo filho de surdos (*Deaf of Deaf Adults* - em inglês). Compartilhou sua vivência de desenvolvimento, sem sofrer atraso de linguagem, já que seus pais se comunicavam com ele em uma língua acessível, a Libras. Este participante enfocou a necessidade de os pais aprenderem Libras e também de conduzirem seus filhos no aprendizado da Língua Portuguesa escrita, enfatizando a importância de usar a escrita no dia a dia. Também ressaltou a capacidade dos surdos em estudar e aprender, apresentou alguns doutores surdos, mencionou a independência de sua mãe surda, e exemplificou que ela trabalhava em um banco e viajava sozinha. Percebemos os impactos do discurso rapidamente em uma das mães, que em encontro posterior afirmou estar usando mais a escrita com seu filho surdo. De imediato, surgiram curiosidades sobre a relação do participante surdo com sua filha ouvinte.

No segundo encontro da Roda de Conversa, o outro extensionista surdo contou sua experiência como filho de ouvintes. Compartilhou sua vivência de desenvolvimento sem contato inicial com a Libras, já que seus pais se comunicavam oralmente em Língua Portuguesa, o que era inacessível a ele. Este participante enfocou a necessidade dos familiares aprenderem Libras e também de conduzirem o aprendizado das crianças surdas oportunizando a aquisição da Libras. Os familiares se identificaram com a história, bastante próxima da realidade deles por serem pais/avós ouvintes com filhos/netos surdos. O discurso gerou muitas perguntas e relatos.

De acordo com Castro (2021), o conhecimento de mundo, vivências, experiências de vida e o afeto familiar se dá pelo cuidado e pela língua em comum entre familiares e criança. A aquisição de uma língua vai muito além de apenas se comunicar. O ensino da Língua Portuguesa para surdos, de acordo com a abordagem educacional bilíngue, considera que a

[4] Ressaltamos que o Ambulatório de Surdez da UFRJ, fundado em 1997 pela Profª. Dra. Marcia Goldfeld (Goldfeld, 2006, p.299), atualmente englobado no Laboratório de Línguas para Surdos, sempre seguiu o bilinguismo e buscou a participação de representantes da Comunidade Surda, preferencialmente surdos, oferecendo interação em Libras às crianças visando aquisição da L1, aprendizagem de conceitos da educação infantil e socialização com a cultura surda (Jacob, Goldfeld e Prado, 2006).

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.196-205
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

criança surda deve adquirir a Libras, L1, para que possa aprender a Língua Portuguesa, L2. O processo de aquisição da primeira língua entre crianças surdas se difere pelo fato de que a maioria são filhas de ouvintes não usuários de língua de sinais. No Brasil, em geral, o aprendizado de Libras ocorre apenas quando a criança começa a frequentar o ambiente escolar. A aquisição tardia da Libras pode ocasionar demora na aprendizagem da Língua Portuguesa nas modalidades oral e/ou escrita. O atraso no desenvolvimento do processo de aquisição da primeira língua acarreta prejuízos nos níveis sociais, psicológicos, cognitivos e acadêmicos (Goldfeld, 1997).

A partir desta constatação, consideramos fundamental acolher, orientar e corresponsabilizar a família, que precisa ser nossa parceira na mediação do desenvolvimento da criança, tanto no trabalho de terapia fonoaudiológica, quanto na aprendizagem de Língua Portuguesa como segunda língua.

Infelizmente, no Brasil, em sua maioria, ao obter o diagnóstico de surdez de seu filho(a), a família fica perdida e enlutada por ter um filho real que não corresponde ao sonhado. Neste percurso, poucas famílias são orientadas à abordagem bilíngue desde a tenra idade (Brasil, 2025). É um percurso longo, com tentativas frustradas de apagar a diferença do filho e tentar, a qualquer custo, reabilitá-lo. Neste longo caminho, a criança cresce sem nenhuma língua para ativar seus processos cognitivos, causando prejuízos importantes na socialização, desenvolvimento emocional e linguístico-cognitivo (Goldfeld, 1997). Por isso, criar um espaço de orientação familiar é de suma necessidade e urgência. O bilinguismo não pode acontecer somente nas instituições, as famílias também precisam ser bilíngues. Quanto mais cedo a criança surda tiver acesso a Libras, melhor será sua aprendizagem escolar e seu conhecimento de mundo.

Ambos os extensionistas surdos que conduziram esses primeiros encontros da Roda de Conversa ressaltaram a necessidade de conversação e da educação bilíngue para surdos. Nos dois encontros, extensionistas ouvintes do curso de Licenciatura em Letras-Libras que integram a equipe do TradInter Lab fizeram a interpretação Libras < > Português da Roda de Conversa, garantindo acessibilidade comunicacional. Nos demais encontros, por ausência de tradutores intérpretes, uma das professoras realizou as interpretações, além de conduzir as reuniões presenciais. Infelizmente, durante o ano de 2024, por questões administrativas da UFRJ, só foi possível realizar duas reuniões.

Nos encontros de 2025, iniciamos com uma dinâmica em grupo com o intuito de mostrar que aquele espaço é para os familiares e de ajuda mútua: cada participante recebeu um pirulito. Com todos de pé e em círculo, todos deveriam tentar chupar o pirulito sem dobrar o braço. Conclusão: só conseguiram consumir o pirulito com a ajuda dos demais. Após a dinâmica, houve uma conversa ampla. Nesta conversa, muitos familiares, em sua maioria, mães, desabafaram sobre a solidão, o capacitismo da sociedade e as dificuldades em ensinar aos filhos surdos as regras sociais e a rotina familiar. Neste momento ímpar, muitos participantes demonstraram a necessidade de serem ouvidos.

Os desafios são muitos: maridos que não dividem a educação dos filhos e as atividades domésticas, sobrecarregando as mães; condições de pobreza; violência nos locais onde residem, o que leva ao isolamento das crianças surdas dentro de casa, pois, pelo fato de não ouvirem, não têm como se defender em situações de tiroteio; irmãos de surdos que possuem ciúmes ou se sentem desprestigiados porque a mãe dedica mais atenção ao filho surdo e estes, muitas vezes, se negam a aprender Libras; filhos surdos que apresentam episódios de agressividade em situações nas quais os pais não os compreendem; pais que negligenciam a capacidade de seus filhos por nunca terem conseguido conversar com eles pelo fato de não saberem Libras; famílias que não sabem lidar com filhos surdos com deficiências associadas, como por exemplo transtorno do espectro autista, surdocegueira, deficiência intelectual, den-

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.196-205
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

tre outros.

Ressaltamos aqui a importância da Política Nacional de Cuidados, instituída pela Lei nº 15.069/2024 (Brasil, 2024), que destaca o direito à assistência de pessoas com deficiência e a necessidade de promover a corresponsabilização entre homens e mulheres na provisão de cuidados, considerando as desigualdades múltiplas ainda presentes na sociedade brasileira, estruturadas em diversas dimensões, como classe, sexo e raça, impactando na experiência de vida de pessoas e grupos sociais (Brasil, 2024). Partimos do pressuposto de que, nós, professores universitários, grupos de pesquisas e projetos de extensão universitária, temos um compromisso social. Nossas pesquisas e ações extensionistas possuem compromisso com nosso público, que são os surdos e suas famílias. A família é o primeiro grupo social em que uma criança convive ao nascer e sabemos que toda família deve estar implicada no desenvolvimento infantil, pois a criança surda que convive em um núcleo familiar bilíngue tem maiores possibilidades para crescer com pleno desenvolvimento linguístico, social e psicológico.

Diante de tantos desabafos e dificuldades decorrentes dos bloqueios comunicativos, a reunião seguinte foi destinada à produção de materiais visuais para valorizar as atividades cotidianas realizadas pela criança com sua família. Nessa atividade buscamos ressaltar as possibilidades de interação comunicativa, num processo educativo que visa melhorar a comunicação com as crianças. Neste dia, cada familiar pode selecionar as regras mais importantes da casa e produzir um material visual para levar para a sua residência com as regras da família. Haviam diversas imagens impressas, representando atividades salutares e prejudiciais, para que as famílias selecionassem aquelas que se enquadram no próprio cotidiano.

Assim, levamos diversas gravuras, pilot grosso preto, hidrocor colorido, cola, tesouras, cartolinas e cada família construiu seu próprio cartaz com as principais regras familiares, incluindo imagens, símbolos gráficos como círculos vermelho cortados (sinal universal de proibição) e círculos verdes associados a um ícone de verificação (sinal de permitido), denotando aprovação.

Ressaltamos que o objetivo da atividade não era normativo, mas sim visava ampliar as possibilidades comunicativas do familiar com a criança surda (Magalhães, Starosky e Batista, 2024). Com isso, o intuito foi valorizar as atividades cotidianas realizadas pelas crianças com suas famílias, ressaltando as possibilidades de interação, considerando suas necessidades específicas de acordo com as demandas expostas ou percebidas no grupo. Buscamos conduzir com sensibilidade um processo educativo que visa melhorar o ambiente comunicativo das crianças e adolescentes surdos em seus núcleos familiares.

O convite feito ao grupo consistia em expressar a regra da família de modo visual, com pouca escrita. Mesmo assim, extensionistas e estagiários auxiliaram em momentos de registros escritos, pois algumas mães estavam com dificuldade de escrita e compartilharam só possui o ensino fundamental. Em geral, a realidade mais proeminente dessas mães é o fato delas se dedicarem exclusivamente, ou quase exclusivamente, aos filhos. Muitas precisam parar de trabalhar e só conseguem realizar trabalhos autônomos. Destacamos a presença de muitas mães solo, pois os pais são ausentes, o que mais uma vez nos convoca a necessidade de promover a corresponsabilização entre homens e mulheres, seja nas orientações familiares na saúde e na educação, ou em outras ações intersetoriais nas mais diversas áreas (Brasil, 2024).

Após a confecção dos cartazes, uma extensionista/estagiária surda ensinou aos familiares como sinalizar cada frase do cartaz, enfocando também a expressão facial que deveria ser feita, visando ampliar ainda mais as possibilidades comunicativas com a criança surda. A reunião foi bastante produtiva e elogiada pelas participantes. Para nós, a percepção positiva das atividades pelos familiares é muito relevante, visto que enfocamos o protagonismo da família, buscando instrumentalizá-los para evitar o atraso de linguagem nas crianças surdas.

Na reunião seguinte, algumas mães relataram que o cartaz e a aula de Libras auxiliaram

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.196-205
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

na fluidez da comunicação, porém, outras disseram que o filho rasgou o cartaz em um ato de agressividade por causa do bloqueio de comunicação ainda existente entre mães e filhos.

Nas duas reuniões posteriores, dois extensionistas/estagiários surdos abordaram a sua luta acadêmica na época em que não haviam as legislações atuais e as dificuldades eram ainda maiores. Em cada um dos depoimentos, enfocando a escolarização e o aprendizado da Língua Portuguesa escrita, as mães se emocionaram, fizeram perguntas e observaram que, apesar de todos os desafios, atualmente os surdos encontram melhores condições educacionais. Devido a Lei 10.436/2002, que regulamenta a Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira, o ensino de Libras se tornou obrigatório em todas as licenciaturas, nos cursos de Pedagogia, Fonoaudiologia e Educação Especial. Além disso, o Decreto 5626/2005 dispõe sobre o direito a um sistema de avaliação diferenciado, com correção de provas e redações que considerem a semântica da escrita da pessoa surda. Esse decreto leva em consideração o fato de a Língua Portuguesa ser a L2 para os surdos, dentre outros.

Em outra reunião, uma extensionista, estudante de fonoaudiologia e CODA (*Children of Deaf Adults*, em inglês), compartilhou suas vivências como ouvinte filha de surdos, mencionando a responsabilidade precoce e o orgulho de pertencer à Comunidade Surda. Ela foi acompanhada por sua mãe, que é surda, participou de toda a reunião e levou fotos da família e de momentos importantes da infância. Foram relatados fatos felizes e desafiadores, emocionando bastante todo o grupo. Muitos familiares perceberam que seus filhos também podem constituir família e criar seus filhos sozinhos. A mãe da extensionista ficou emocionada pelo fato da sua história estar sendo uma motivação para muitos familiares sonharem com um futuro promissor para os seus filhos.

Enfim, a Roda de Conversa com familiares de surdos é um projeto promissor que está em franco crescimento. Os temas, dinâmicas e palestrantes convidados são sempre planejados de acordo com a necessidade e a solicitação dos participantes. O grupo vem crescendo em partilha, em amizade e os familiares estão sendo sensibilizados a serem, de fato, bilíngues. Ainda possuímos muitos desafios na Roda de Conversa pois percebemos a necessidade de encaminhamento psicológico para os familiares. Infelizmente não há uma política pública que reserve vagas às famílias atípicas no atendimento psicológico pelo SUS. A saúde mental dos familiares atípicos é um tema que devemos levar em consideração. Nossa Roda de Conversa não tem cunho terapêutico. No momento é um espaço para os familiares falarem de suas lutas, perceberem caminhos de desenvolvimento para seus filhos surdos e perceberem seu relevante papel nesse processo. É um espaço aberto para o empoderamento dos familiares de crianças e adolescentes surdos, de forma agradável, respeitosa e sensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as iniciativas já implementadas para orientação familiar no Ambulatório, percebemos um grande potencial na Roda de Conversa com familiares de surdos, pois o espaço possibilita múltiplas possibilidades. As palestras informais e repletas de compartilhamento, de experiências dos estudantes de graduação surdos e da estudante CODA[5], as trocas entre os familiares e a mediação das professoras e dos extensionistas/estagiários possibilitam aos familiares reflexões, questionamentos e sensibilização para um futuro promissor. Nossos estudos e pesquisas no GEPESS (UFRJ/FE/PPGE), nos apontam que a educação bilíngue é a mais indicada para o pleno desenvolvimento linguístico, social e psicológico da pessoa surda, corroborando os estudos de Skliar (1999), Goldfeld (1997, 2006), Stumpf e Linhares (2021).

Conforme nossos estudos sobre o ensino de Língua Portuguesa como L2, esse deve

[5] Agradecemos imensamente a todos que compartilharam suas experiências na Roda de Conversa com familiares de surdos, pois acreditamos que relatos em primeira pessoa de experiências vivenciadas enriquecem imensamente os encontros de orientação familiar.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.196-205
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

ocorrer em um espaço escolar onde há duas línguas em circulação: a Libras e a Língua Portuguesa escrita (Castro, 2021; Kelman, 2015). A educação bilíngue pode ocorrer em espaços diferentes: escolas bilíngues, que podem ser escolas somente com alunos surdos onde circulam a Língua Portuguesa (modalidade escrita) e a Libras (língua de instrução e interação) (Stumpf; Linhares, 2021); ou escolas com alunos ouvintes e surdos, em que todos os ouvintes também utilizem Libras e interajam com os surdos. Na educação bilíngue de surdos, professores e funcionários bilíngues, surdos e ouvintes, podem trabalhar juntos, mas a Libras deve ser priorizada nas interações, explicações e avaliações, respeitando os modos de interação dos surdos (Stumpf; Linhares, 2021).

Como podemos observar, o ensino de Língua Portuguesa, o atendimento fonoaudiológico bilíngue e a formação de graduandos bilíngues podem e devem caminhar unidos à família. O desempenho na Língua Portuguesa vai além do domínio de vocabulário, um ensino/terapia de qualidade permite desmistificar que o surdo apresenta dificuldades ou impossibilidades em aprender a Língua Portuguesa. Qualquer aluno, surdo ou ouvinte, em processo de aprendizagem de Língua Portuguesa, terá que lidar com a questão da leitura funcional. Assim como Goldfeld (1997), Stumpf e Linhares (2021), defendemos que o acesso à língua de sinais na mais tenra idade favorece no processo linguístico, social e psicológico da pessoa surda.

Para que o trabalho de educação e/ou clínico possa obter resultados é essencial a parceria da família e do adulto surdo. É o que buscamos nestas parcerias e nos estudos do GEPESS. Embora nosso objetivo seja acolher, informar e orientar familiares de surdos para a educação bilíngue, percebemos a necessidade de uma atuação multidisciplinar nas reuniões e, para tal, almejamos a participação de psicólogos na equipe. Ainda não conseguimos este profissional para atuar no grupo.

Na filosofia educacional bilíngue, devemos lembrar que a Língua Portuguesa é considerada a segunda língua (L2) do surdo, podendo ser apresentada de forma simultânea ou sucessiva (Stumpf; Linhares, 2021), nas modalidades orais e escritas ou apenas escrita, por meio de terapia fonoaudiológica e/ou no contexto escolar. Para tal, firmamos a nossa parceria entre as áreas da Educação e da Fonoaudiologia.

No momento, os extensionistas surdos estão ocupando um lugar importante de representação social surda para mostrar que o sucesso é possível quando a família trabalha junto com a escola e a fonoaudiologia. Todos os depoimentos dos extensionistas surdos foram impactantes para os familiares de surdos que participaram dos encontros da Roda de Conversa. Pensar e projetar uma possibilidade de um futuro de sucesso para seus filhos ajuda a levantar a auto estima de cada familiar e mostra que toda luta e esforço vale a pena. Cada avanço, cada progresso, por menor que possa parecer, foi comemorado no grupo da Roda de Conversa. Muitos familiares compartilharam avanços, contaram que seu filho conseguiu ir a padaria comprar pão sozinho, relataram que a criança está mais calma e entende sua rotina, que conseguiu dizer que deseja algo e os pais entenderam, dentre outros progressos que alegram e nos mostram que o trabalho está crescendo e rendendo frutos.

Como resultado, percebemos que esta parceria contribui para os familiares de surdos e seus filhos, favorecendo também o empoderamento dos responsáveis. Além disso, ao garantir a presença do adulto surdo como modelo linguístico e identitário, a Roda de Conversa contribui para o desenvolvimentos dos extensionistas surdos, que amadurecem profissionalmente e aprendem na ação. Ainda, entendemos que a atividade extensionista na UFRJ contribui para o desenvolvimento da leitura e escrita no projeto de extensão da UERJ, devido a característica interprofissional e interinstitucional, bem como por causa da presença simultânea de alguns familiares nos dois projetos.

Concluímos que a Roda de Conversa favorece a tríade bilíngue: ensino de Língua Portuguesa como segunda língua; Libras como língua de interação e instrução; e atendimento

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.196-205
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

clínico bilíngue, com a orientação familiar para a educação bilíngue de surdos permeando todos esses os espaços.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 139, nº 79, p. 23, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. Lei nº 15.069, de 23 de dezembro de 2024. Institui a Política Nacional de Cuidados. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 24 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Caderno temático do Programa Saúde na Escola**: saúde auditiva. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. E-book (73 p.). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_tematico_pse_saude_auditiva.pdf. Acesso em: 3 fev. 2026.

CASTRO, M. G. F. **Análise sobre Ensino de Língua Portuguesa para surdos**: um estudo em dois municípios fluminenses. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

DELGADO, A. D.; NUNES, J. de B. **Terapia fonoaudiológica bilíngue**: uma análise qualitativa a partir da perspectiva de alunos surdos do curso de letras-libras da UFRJ. 2019. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Fonoaudiologia) – Curso de Fonoaudiologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

FERREIRA, C. M. de P. **Surdez, família e mediação profissional**: grupo focal na coconstrução de conhecimentos e agentividade. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____ (coord.). **Desenvolvimento de crianças Surdas - promovendo a saúde e o acesso precoce a práticas educativas em L1**. Protocolo do SIGProj: 285332.1554.74691.21112017. Projeto de extensão – Curso de Fonoaudiologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://sigproj.ufrj.br/apoiados.php?projeto_id=285332. Acesso em: 9 ago. 2021.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. 7. ed. São Paulo: Plexus, 1997.

_____ . Atendimento fonoaudiológico para crianças surdas sob o enfoque bilíngue e interacionista. In: FROTA, S.; GOLDFELD, M. (org.). **Enfoques em audiologia e surdez**. São Paulo: Am3 Artes, 2006. p. 282-320.

JACOB, C.; GOLDFELD, M.; PRADO, M. Aquisição da língua de sinais. In: FROTA, S.; GOLDFELD, M. (org.). **Enfoques em audiologia e surdez**. São Paulo: Am3 Artes, 2006. cap. 15, p. 321-343.

KELMAN, C. A. Multiculturalismo e surdez: respeito às culturas minoritárias. In: LODI, A. C. B.; DORZIAT, A.; FERNANDES, E. (org.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MAGALHÃES, C.; STAROSKY, P.; BATISTA, M. A trajetória do atendimento para surdos na UFRJ: por uma fonoaudiologia bilíngue. In: DRUMMOND, C.; DORNELAS, R. (org.). **Guia de Fonoaudiologia**: pesquisa, ensino e extensão. 1. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2024. v. 1, p. 279-399.

MAGALHÃES, C. et al. A experiência de 4 estudantes surdos de Letras-Libras no Laboratório de Línguas para Surdos. In: Ensinar Libras, aprender com Libras: práticas docentes da educação básica ao ensino superior, 1., 2025, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2025. Trabalho apresentado.

STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. de A. (org.). **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na educação bilíngue de surdos**: da educação infantil ao ensino superior. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021. v. 1. E-book. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/11u3wjQTwKnFW72-kSHU35SXm2O7Sq82l/view. Acesso em: 23 abr. 2024.

SKLIAR, C. **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. v. 1.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.196-205
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons